



17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

Transcrição – MESA 3

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

Link da palestra: <https://www.youtube.com/watch?v=rawmWfqyGF0>

Integrantes da mesa:

Flora Egécia (Estúdio Cajuína)

Eduardo Rosário (Filmes Canhotos)

Dra. Ceiza Ferreira (UEG)

Ceiza Ferreira: “Bom dia, para todo mundo que está nos acompanhado. Agradeço a toda equipe da SAU, da UEG TV, todos os colegas professores, os alunos que estão acompanhando e em especial minhas turmas, né?! E então gostaria de mencionar para vocês o quanto é importante esse espaço de discussão dentro da SAU, desse tema, que é cinema negro. E aí a gente vai nessa mesa, 'Audiovisual em tempos de crise - Experiências do cinema negro', conversar com a Flora Egécia, que é uma realizadora de Brasília, e o Eduardo Rosário, que é um realizador de Anápolis. Muito obrigado pela participação de vocês, fico muito feliz da gente ter esse momento de diálogo, mesmo em uma situação adversa como essa de pandemia. Acho que a gente vai criando outros diálogos, outras possibilidades. Vou fazer uma breve apresentação dos nossos convidados. A Flora Egécia é integrante do estúdio Cajuína, é codiretora do documentário 'Me farei Ouvir', que ainda está em desenvolvimento, dirigiu os documentários 'InEspaço (2013)' e 'Das Raízes às Pontas (2015)', que foi vencedor do prêmio de melhor curta, pelo júri popular do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Atuando como diretora de arte, ela também foi premiada com a ficção 'o Menino Leão e Menina Coruja' em 2017. Em sua trajetória, atuou em projetos que contemplam a temática de raça, gênero e política. O Eduardo Rosário é diretor, ator e roteirista, integrante de produções cinematográficas reconhecidas em diversos festivais e eventos de cinema no Brasil e exterior. Desde 2017, é diretor da produtora Filmes Canhotos, na cidade de Anápolis-GO, onde desenvolve ações formativas e de produção audiovisual. Saliento ainda que o Eduardo foi aluno da nossa pós em Cinema e Audiovisual - linguagens e processos de realização. Então, novamente, saliento o quanto eu estou feliz de estar aqui com vocês, da gente fazer esse bate-papo, essa conversa. Vou passar primeiramente a palavra para a Flora.”

Flora Egécia: “Bom Dia... Bom dia, Ceiza! Muito obrigado pelo convite, a você e a professora Thaís, muita obrigada mesmo. Eu acho que o que vocês estão fazendo é muito importante. É muito importante que o audiovisual seja entendido por todos, né? Não só para os que fazem cinema, até porque o audiovisual é uma ferramenta que tem vários pontos positivos de formação e de como ferramenta de luta. Mas também é uma ferramenta de manipulação, não o audiovisual só cinema, né? Eu digo a mídia audiovisual. Então, é muito importante que todo mundo entenda um pouco do cinema, para que se saiba o que está recebendo e como, né? Então acho que atividades como esta são essenciais assim, parabéns! Bom, eu também quero agradecer...”

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

Estar dividindo aqui esse espaço com o Eduardo, um cineasta que é de Anápolis, que é tão próximo... Mas mesmo assim a gente não se conhecia, então é um prazer dividir essa mesa com você. Bom, sobre fazer cinema em Brasília... Sobre fazer cinema fora do eixo, né? Fora do Rio e São Paulo... Eu penso em várias coisas... Brasília é uma das cidades que têm maior fundo de... Costumava né... Ter o maior fundo de editais voltados para o audiovisual. Então a produção audiovisual aqui é muito latente. Nós temos muitos profissionais audiovisuais. É algo muito vivo, mas ainda assim, Brasília é um local que quando você começa a trabalhar com cultura existe aquele desejo de ir para São Paulo e para o Rio de Janeiro, para lá sim, você viver a sua profissão, né? Então acredito que quem se manteve aqui, quem está aqui, é uma resistência, né? De várias formas. Esses realizadores daqui poderiam sim tentar fazer esse caminho, mas eu vejo como um grande privilégio, você fazer cinema no lugar de onde você veio. Você tem um olhar muito aguçado ali, em sua rede, então nesse sentido eu me sinto, privilegiada de fazer cinema aqui em Brasília, eu sendo daqui. Ao mesmo tempo, Brasília é uma cidade muito rica, uma idade muito elitizada, então quem são essas pessoas que estão fazendo cinema aqui? Que recorte é esse? Quem nessa área, que é tão meritocrática, que é o cinema, consegue fazer cinema nessa cidade. Então quando eu comecei a fazer cinema foi muito pelo contato com a universidade federal, que permite que a gente tenha outras graduações, né? Eu peguei várias disciplinas lá no audiovisual da UNB. Comecei a andar com pessoas do audiovisual e surgiu em mim esse desejo de fazer cinema. Mas o principal desejo foi pela necessidade de ver pautas que eram importantes para mim sendo esse exibidas, sendo mostradas, sendo expressadas. Isso ali em 2010, era muito escasso... No cinema nacional e no local também. Então eu fui em contraponto, com esse movimento meritocrático de passar por milhares de etapas até você poder por exemplo, dirigir um filme... E comecei e realizar, enfim, não sozinha, óbvio. Comecei em coletivo com o Cajuína a realizar as nossas produções audiovisuais. E o 'Das raízes as pontas' que é um documentário que a Ceíça comentou... É um documentário sobre cabelos crespos, foi um lugar que me questionaram na época... 'Porque que eu ia dirigir esse documentário', sem ter tanta experiência, né? Até ali eu só tinha dirigido um documentário... E a resposta era que eu queria que a minha visão estivesse ali. A visão dos roteiristas negros, a minha visão como diretora negra... E que eu, enfim, esse... Explicando assim o meu desejo de fazer cinema, da onde surgiu. E sobre ser negro, né? O que é ser negro, nesses tempos de crise. Eu acredito que nós negros, nós vivemos um constante tempo de crise. Principalmente atuando em áreas culturais, que são majoritariamente brancas e masculinas, mas nesse momento, que é a crise da crise, né? Que é a pandemia, em que a gente realmente se viu vetado de trabalhar durante muitos meses, em que contratos foram perdidos, enfim... E que nós, na maior parte, somos autônomos, né? Os trabalhadores do audiovisual. Nos vimos muito sem chão. Ser negro nesse contexto tem um peso especial porque eu acho que é impossível a gente falar de pandemia, sem falar de saúde mental, por exemplo. Quando um homem ou uma mulher negra, principalmente a mulher negra, se propõe a ocupar um lugar de prestígio, ou realmente é visto em lugar de prestígio, principalmente como diretores, que é o meu caso e do Eduardo, a gente não pode errar. A gente está em um lugar ali, um pouco desumanizado. Em que a gente não pode errar nesse lugar de prestígio de direção. A pandemia, eu acho que ela atou as mãos e pés de todo mundo. Porque foi uma influência externa que paralisou os nossos trabalhos. Muito pesado, né? É muito cruel, muito difícil. Eu conversei com os outros profissionais negros de cinema e vejo que a saúde dessas pessoas se deteriorou em decorrência da pandemia. Nesse lugar de não estar conseguindo ser, fazer, ser profissional, enfim, atuar, ganhar dinheiro, pagar conta mesmo... E nesse momento de pandemia, é muito

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

importante se organizar, se articular. E nesse sentido, eu me percebo recebendo um suporte muito grande da APAM, enfim... Acho que quem não conhece podia pesquisar um pouco sobre essa Associação de Produtores e profissionais do audiovisual no Brasil, que é uma associação que existe justamente para dar suporte principalmente em tempos de crise. Quer dizer, ela não existiu para esse tempo de crise! Mas nesse momento de crise, a existência da APAM fez com que vários realizadores negros se sentisse com suporte, um suporte jurídico, um suporte de apoio em editais, enfim... Um canal de discussão sobre Lei Aldir Blanc, sobre ferramentas de auxílio emergencial e etc. Então eu acho que essa articulação para mim é um item essencial para que a gente consiga sobreviver melhor esse momento de crise da crise, que é a pandemia.”

Ceição Ferreira: “Semana passada, Flora, a gente teve a honra de ouvir a Joice Prado, que atualmente é a diretora da APAM, foi uma conversa sobre direção de fotografia, mais especificamente, mas foi um presente, né? Poder ouvi-la e a gente ter a oportunidade de conhecer profissionais negros, que atuam no cinema e audiovisual. Acho que é muito importante esse momento também de visibilidade. Vou passar a palavra agora para o Eduardo... Eduardo que é de Anápolis, pertinho aqui de Goiânia, e gostaria que você comentasse sobre como é que é fazer cinema aqui em Anápolis, esses desafios... Por favor Eduardo!”

Eduardo Rosário: “Bom dia todos que estão coma gente aqui, né? Eu honestamente me sinto e honrado e feliz em estar em um momento como esse. Hoje é a primeira vez que eu converso com a Flora e já nos bastidores, troquei uma ideia com ela rapidinho! É um prazer estar com ela também! Bom, claramente o que ela falou eu assino muito embaixo... Nós, lá no começo, quando a gente está começando alguma coisa no audiovisual, existe uma tentação, acho mais que uma tentação, existe uma tendência em se te falarem que você tem que ir para o eixo Rio-São Paulo, se você quiser fazer disso um meio de vida. Então sempre falam isso para você. É um desafio, você fazer cinema fora do eixo, é maior ainda você sendo negro. Um desafio que qualquer pessoa que falar que não tem diferença, que é mesma coisa... Não é. Não é a mesma coisa. Existe um sistema que requer que você refine as suas habilidades, que requer que você tenha um jogo de cintura, para que você possa fazer algo acontecer. Você sendo negro. Do contrário, isso não vai acontecer. Eu já começo então aqui com uma provocação, só para vocês terem uma ideia do que estou falando e que isso é de verdade. Hoje eu recebo alguns convites para algumas produções e eu atuo em grandes funções. Ator, direção e roteiro. São coisas específicas, cada tem suas especificidades. Mas lá no começo, os quatro primeiros filmes que eu participei, foram eu que escrevi. Aí, ficou aquela coisa, por que que não surgiu um convite de alguém ou de algumas pessoas para que eu participasse? Por que que eu tive de escrever os filmes, para que eu pudesse atuar neles? Isso já disse alguma coisa para a gente, ou seja, tem algumas coisas no audiovisual brasileiro assim, para nós que somos negros e fazendo audiovisual e fazendo cinema. Que é assim, muita coisa que de repente poderia estar com você ou ser seu, não vai ser dado a você, você vai ter que conquistá-lo. E quando eu digo conquistá-lo, não adianta você ficar aqui plantado esperando que oportunidades surjam para você. Isso não vai acontecer, você tem que ir atrás, você tem que fazer acontecer, você tem que dar a sua voz, você que usar o seu lugar de fala. Porque do contrário, pouquíssimas coisas vão acontecer para nós. Então, se hoje, depois de algum tempo, eu consegui uma abertura dentro de um fazer artístico, dentro do cinema é porque lá no começo eu não fiquei esperando chegar um convite para fazer isso ou aquilo... Não! Tive que aprender a fazer roteiro, fui estudar roteiro, fui estudar cada coisa, para que pudesse acontecer, para que eu não pudesse ficar esperando anos e anos, para que alguma coisa acontecesse.

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

Então o que a Flora disse sobre fazer cinema de onde você vem, sobre falar, sobre executar do seu lugar de origem... Isso é fascinante! Eu exerço isso até hoje e sou muito grato por poder fazer isso. Na verdade, atualmente nós estamos como um... Terminamos, né? De terminar a nossa exibição aí, com o filme que se chama 'Under the Sun', algumas pessoas assistiram, inclusive. E nós viajamos muito com ele, fora do país também. Tem uma coisa interessante nesse filme que é assim, nós lançamos ele no ano passado, em 2019... É um curta de 20 minutos, mas nós lançamos ele, de duas formas. Em salas de cinema, com a sessão lotada, de 200 lugares, e online, em uma sessão com 5 mil acessos. Sabe porque estou dizendo isso? Porque nós já estávamos em uma tendência de quê? De buscar novas janelas, e aí tem muito a ver com o momento que nós estamos agora, né? Descobrimos novas janelas de exibição, novas formas de produção... Mas também novas janelas de exibição. É importantíssimo que nós tenhamos esse entendimento... é que as vezes eu vejo pessoas assim que, são muito fascinadas em festival, em cinema, mas talvez, por não se atentarem que existem outras janelas de exibição e que talvez essas outras janelas levam a tua obra muito mais perto do público, porque os filmes, eles tem que ser vistos, eles tem que ser assistidos. Nossos filmes, nossas histórias tem que ser assistidas. Então não é um lance só de você produzir, fazer um filme e 'ah, eu estou em 20 festivais', 'eu estou em 40 festivais'... Eu vejo pessoas que ficam nessa, sabe? 'Ah eu estou em tantos festivais', como se isso fosse tudo. Nós queremos que nossas histórias cheguem as pessoas, principalmente histórias como as nossas aqui, de cineastas negros, que contam histórias de superação, de sofrimento, de angústia, de luta, de perseverança. Isso tem que chegar as pessoas. Então eu abro a minha fala aqui, fazendo essa provocação, de que as primeiras oportunidades que eu tive, não foi porque me deram, eu tive que correr atrás e fazê-las acontecer. Então isso eu digo para todos que estão aí assistindo desde já. Nós temos que fazer acontecer de alguma forma, esse é o ponto inicial. O outro são essas novas janelas que diz respeito a esse momento que nós estamos aqui, de pandemia, de isolamento... Eu estava vendo inclusive uma série aí na Netflix, inclusive né? Feita em casa. Não sei se alguém já viu, é uma recomendação. Fizeram uma série aí com cineastas ao redor do mundo, que fizeram filmes em um tempo de pandemia, produzido em casa mesmo... Então, ou seja, são novas janelas de exibição, e nós negros que fazemos cinema... quem quer que seja, temos que usufruir disso e fazer disso nosso lugar de fala. Que as nossas obras cheguem até as pessoas, eu acho que é fundamental isso: Nós temos que abrir diálogos e discussões sobre os temas que nós propomos. Sou totalmente contrário a quem produz, só pelo ego de produzir e dizer que fez isso aqui no filme. Então nós temos que abri discussões, abrir diálogo, levantar assuntos e fazer com que isso interfira de alguma forma a onde nós estamos vivendo e como nós estamos vivendo. Eu acredito muito nisso.”

Ceição Ferreira: “Nossa, muito bom te ouvir, Eduardo! Você coloca uma questões que são bem importantes nesse momento que a gente está vivendo. Flora também pontuando esses desafios que se intensificaram, porque a gente está em um momento mais crítico. Só que se a gente for pensar na história do cinema e do audiovisual brasileiro, ela é ainda predominantemente branca e masculina. Então eu acho que é importante também a gente pensar esse cinema e pensar que cinema é esse? E aí, também, ir além do cinema de longa-metragem porque assim, a produção de vários e vários realizadores, aqui de Goiás, Brasília, de várias partes do Brasil, se concentra e tem trabalhado muito o cinema de curta-metragem, né? Então assim eu acho que é muito importante a gente reconhecer que, infelizmente, por exemplo, nas bases da Ancine, curta-metragem não é considerado. Então é uma questão importante, que eu acho que a gente tem que mencionar. Eu observo na fala de vocês dois esse desejo de também de fazer com que as obras cheguem ao público. Eu gostaria que

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

vocês mencionassem, no caso da Flora com o 'Das Raízes as Pontas', que foi exibido em escolas... Teve todo um trabalho de formação em virtude do tema, da forma como foi criada esse filme, como você mesmo falou, desse desejo de tratar questões que te atravessavam e depois como levar isso para as escolas. No caso do Eduardo, queria que ele comentasse essa participação do filme 'Under the Sun', em várias mostras de cinema negro. E aí, eu vou puxar aqui duas por exemplo... São várias, né? Mas eu vou citar o Encontro do Cinema Negro Zozimo Bulbul, que o filme participou em 2019, né? Foi exibido junto com outro curta que é o 'Lily's Hair', do Rafael Gustavo da Silva, outro jovem realizador aqui de Goiás... E a mostra Egbé, Mostra de cinema negro de Sergipe, também junto com o 'Lily's Hair' e outro filme goiano, que é do Tothi Cardoso, que é a 'Câmera de João'. Então a gente pensar esses espaços, tanto nas escolas, como em mostras, para fazer com que esses filmes cheguem às pessoas. Queria que vocês comentassem”

Flora Egécia: “Das Raízes das pontas, ele foi pensado já nesse formato de como ele repercutiria na educação mesmo. Um dos roteiristas é a Débora Tatiana, ela é professora da rede pública do DF, então o filme foi pensado do início ao fim nesse sentido. Depois de lançado, a gente passou ele em várias escolas e assim que parou de circular em festivais ele foi para internet, está gratuitamente. Em várias escolas também passaram ele, e é um filme que está em vários trabalhos de pesquisa... Ele é citado em vários trabalhos de pesquisa, acho isso muito interessante também. E por fim, final do ano passado a gente recebeu uma ótima notícia, que foi que ele entrou na lista de obras obrigatórias da avaliação seriada do vestibular daqui de Brasília da UNB que é um vestibular em que os alunos fazem uma prova a cada ano do ensino médio e aí a gente está na lista de obras obrigatórias, então isso para a gente assim, foi tipo 'chegamos lá' assim, sabe? A gente colocou essa intenção no filme, de que ele fosse passado para muitas pessoas... Enfim, essas janelas da educação, que ele funcionasse como suporte para formação de professores, funcionasse para buscar uma reflexão e auto afirmar os alunos. Então a gente está muito feliz com esse resultado, que é muito bonito esse projeto e os caminhos que ele está levando assim, ele está vivo até hoje.”

Eduardo Rosário: “Deixa eu começar então, anterior ao 'Under the Sun', Ceíça e Flora, porque em 2017, eu produzi um que se chama 'Obcessionis' e aí, onde nós vamos... Por onde nós passamos, eu sempre falo dele porque é uma motivação, principalmente para nós negros assim... Pessoas que querem... Eu sei, eu conheço muitas pessoas que querem tanto uma oportunidade para mostrar o seu roteiro. Ou seja para a atuar, para dirigir um filme, para mostrar a sua estética e eles ficam querendo uma oportunidade, eu sei, eu conheço muitas pessoas assim que por onde nós viajamos, a gente passa sempre uma roda de conversa e fala um pouco sobre e por isso eu vou citar ele aqui, tá? Em 2017 fizemos um filme, inclusive aprendi muito com o professor Rafael, lá na pós-graduação, né? Sobre filmes de apartamento... Ele já entrou nisso, como filme de apartamento. Quase nada de orçamento, você faz ali em casa, inclusive está muito em voga agora, nesse momento, né? Filme de apartamento... Em 2017 então fizemos esse aí. Eu escrevi o roteiro então 'Obcessionis'. Fui atrás de pessoas, de produtoras, de alguém abraçasse... Gente, Flora, vocês sabem disso, o cinema é muito colaborativo. Fazer cinema é uma coisa muito colaborativa, sabe? Não tem jeito, é muito colaborativo. Só que em 2017, eu fui atrás então de algumas pessoas que abarcassem, que apostassem, que acreditassem na ideia e eu não encontrei ninguém. Bati... Foi m Anápolis aqui, a minha região, né? Fui em várias produtoras e ninguém acreditava. Então, o que eu tive que fazer? Tive que produzir o filme, eu mesmo. Eu não tive escolha. Eu cito isso não é para falar de mim, eu cito isso para falar de que temos que

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

acreditar que nós somos capazes. Nós, cineastas negros, nós precisamos acreditar nisso, mesmo se eles ou se elas, ou quem quer que seja, não acreditar. O primeiro passo é que nós mesmos, que a gente acredite nisso. Em 2017 então, eu produzi esse filme em casa mesmo. Foi tudo em casa. Colocava a câmera, criava o espaço de ação, depois editando e tal. Com esse filme, 'Obcessionis' em 2017, pela primeira vez na minha vida, eu viajei de avião, para o Rio de Janeiro, no encontro de Cinema Zozimo Bulbul. Que é muito importante, muito importante. Mas de um filme que as pessoas não acreditavam. Não acreditaram que podia ser feito. Podemos fazer, né? E não acreditaram... Então pela primeira vez na minha vida, eu fiquei uma semana lá na lapa, quem conhece o Rio de Janeiro, hospedado ali. E eu tive o prazer de conhecer e conversar ali com o Antônio Pitanga nessa ocasião... Foi quando eu conheci e conversei com ele e trocamos essa ideia, sabe? 'De onde você veio?', 'Eu vim de Goiás'... 'Lá do interior de Goiás'... Além de ser de Goiás, é do interior de Goiás! E ele me deu uma palavra de incentivo, sabe? Alguém que já passou pelo cinema novo, né? Que passou por tanta coisa e viu, e que continua acontecendo aí... Inclusive tem um filme dele atualmente, que ele está atuando, que se chama 'Casa de Antiguidades', muito bacana... Vai para Cannes aí, está muito bacana. E nesta conversa ele falou sobre isso que 'Nós negros, temos que acreditar em nós mesmos', 'a gente fica esperando'... 'Alguns de nós ficamos esperando que as pessoas acreditem em nós'... 'Mas nós temos que primeiro, nós acreditarmos'... E quando ele falou aquilo para mim, eu falei 'cara é isso!', né? Então, é sobre acreditar em nós, porque é só assim... Esse é o ponto de partida... Primeiro, para que a gente consiga produzir e depois para que as nossas obras cheguem as pessoas. Então se a gente não produz, não chega nada a eles, no caso. Então, primeiro, acreditar em nós. Então, citei o Obcessionis por isso, a primeira vez que aconteceu tudo isso comigo. E depois, novamente, aí sim, em 2019, com o 'Under the Sun', também lá em Sergipe. Outras mostras também... Mas o que ficou para mim de 'Under the Sun', falando dessas mostras de cinema negro, foi que pós sessão... Eu amo debate, eu amo a conversa pós sessão. A pós sessão para mim é fundamental, sabe? E aí eu vi pessoas ali assim, na conversa, pessoas que tinham história para contar e quando eles nos veem falando, que alguém dirigiu, que alguém atuou, roteirizou. E é alguém negro, eles sentem a confiança deles mesmos poderem fazer alguma coisa. Esse tipo de situação me deixa muito, muito feliz. Porque é um jeito de, primeiro, através de uma discussão, de uma conversa, você abriu um ponto de vista sobre a pessoa usar um lugar de fala e se posicionar... E contar suas histórias, né? Isso é muito importante também. Do ponto de vista, não só social, mas também cultural e artístico, não é? E a ponto delas te verem como alguém que pode e que deve produzir. E que deve contar as suas próprias histórias. Então o que ficou para mim, foi esse ponto de vista do pós exibição e das pessoas nos vendo como uma possibilidade. Assim 'ó, podemos', 'olha de onde esse cara vem', 'olha de onde essa moça vem', 'olha de onde eles vem para estar contando essas histórias deles'. Porque no fim das contas... Essa de coisa de 'ah ganhou o que e tal'... Beleza! Mas no fim das contas quantas pessoas foram tocadas. Nós fizemos questão de, com o Under the Sun, fazer exposições assim... 'ah, vamos montar uma exposição em uma associação', 'em uma instituição', 'em uma faculdade'... Porque nós queríamos alcançar aquele público para além do circuito de festival. Esse era o nosso objetivo. Nós viajamos muito assim, para eventos culturais. Nós fomos em eventos assim, que não tinham nada a ver com cinema, e lá estava uma sessão de Under the Sun! Ele existe né? Ele deve ser mostrado. Deve ser mostrado muito mais, também, por pessoas negras. Que conhecem de fato muito mais a nossa realidade. Então eu tenho muito nessa coisa de mostrar as obras e que essas obras tenham um impacto na vida das pessoas. No entendimento tanto artístico, social e cultural. E com Under the

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

Sun então, ficou para mim muito isso. Até hoje, para você ter uma ideia... Até hoje eu recebo mensagens no WhatsApp, nas minhas redes de pessoas falando ainda, do pós sessão de Under the Sun. Então assim, isso me realiza, em ver que alguma coisa ficou para além do que foi exibido naquela tela, né? Então diante disso, eu nem sei mais quando é que o filme termina! Acho que não termina nunca, né?! Existe essa discussão, né? Quando que o filme termina... A Flora sabe muito bem disso. Depois da exibição não é. Claro que é em contato com o olho de quem está assistindo? Não! Depois vai para a mentalidade, vai para o entendimento, vai para a mente, depois vai para os hábitos... E por aí vai. E igual ela falou no começo, audiovisual é ferramenta, cinema é uma ferramenta e nós temos que usar isso para valer[...] alguém perguntou ali, pediu para gente responder sobre a formação das equipes. [...] Nós tentamos fazer o máximo de coisas assim, cada equipe produzindo na sua, né? Mas cada equipe dentro da sua formação, dentro do seu entendimento e orquestrado pelo diretor aqui de Anápolis. A coisa acabou funcionando muito bem, mas com equipes muito bem preparadas, cada uma dentro do seu critério”

Ceição Ferreira: “Eduardo, é muito legal te ouvir! Quero então, ler aqui o comentário do Antonio Balbino: Lembro do meu primeiro longa contratado, quando entreguei o primeiro o tratamento para a empresa produtora, o diretor comentou 'ué, só tem pretos', eu disse 'Quando tem só brancos vocês não acham estranho'. Isso é muito interessante para a gente perceber, né? Essas estruturas que ainda existem, né?”

Eduardo Rosário: “Deixa eu deixar esse exemplo aqui, porque isso foi muito forte, eu não sei se a Flora... Eu imagino que a Flora já passou ou passa por isso, eu não sei em que patamar ela pode falar disso também... Mas igual o Balbino disse, perguntaram 'Só tem preto' né? Com o roteiro de 'Under the Sun' na mão, aqui em Anápolis, nós fomos até o fórum, né? Eu e o diretor... O diretor Jonathas Veloso, aqui de Anápolis, tínhamos um juiz lá que tinha uma contribuição para nos dar, algumas ideias... A gente estava ali no tratamento quatro do roteiro... E fomos conversar com ele dentro do fórum, só que quando nós entramos no fórum, até chegar na sala desse juiz, por incrível que pareça, as pessoas olhavam para mim com receio... Sabe o que eles pensaram? Que eu era alguém que ia fazer uma audiência de custódia, né? Então assim, eu passando pelo fórum, eu vi isso, nitidamente, até chegar na sala, parecia que eu era alguém que estava sendo levado para uma audiência de custódia. Um negro, de cabelo black power, aqui dentro, entendeu? Então, são coisas que a gente passa, igual o Balbino disse, 'só tem preto'... Então são coisas que a gente passa em diversos aspectos e de diversas formas e tem pessoas que não fazem ideia disso... 'Não, isso não acontece', 'desse jeito não', 'dessa forma não'... Acontece sim. Implícito, velado, declarado... De muitas maneiras. Por isso que nós, cineastas negros temos que nos agarrar firmemente as nossas raízes e nos fortalecemos diante de situações como essas, como a do Balbino que ele citou, como a minha que eu cito... Imagino que a Flora também deva ter também alguma coisa nesse sentido aí.”

Ceição Ferreira: “Flora, queria que você comentasse isso e também já aproveitando o gancho, a Poliana Marques fez um comentário aqui que eu acho bem bacana, né? Ela disse, 'conhecer e aprender com mulheres e homens negros que já estão no caminho é muito importante, porque nos deparamos com uma área tão racista e sexista'. E aí, além desse gancho aí da fala do Eduardo, que gostaria que você comentasse... Queria que você falasse também... Que é a pergunta da Ivana Alexandre, que é para você falar um pouco de como é que é a formação de equipe.”

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

Flora Egécia: “Tá, vamos lá! Sobre isso que o Eduardo falou, né? Enquanto eu ouvia a sua história, eu lembrei de outra ocasião em que a minha entrevistada, a pessoa que eu ia entrevistar, que foi contatada pela equipe, não me via como diretora. Se referia a pessoas... Sempre se referia a pessoas brancas da equipe, não olhou no meu olho assim. A entrevista inteira, toda aconteceu e ela não conseguiu olhar no meu olho, sempre se referia às pessoas brancas. É isso. Isso vai acontecer o tempo inteiro, é bem complexo... O fato da nossa ausência nas telas é tão grave, que afeta, por exemplo, quando você tem muitos filmes... Quando aparece uma pessoa negra, às vezes, a equipe não consegue nem fotografar...”

Eduardo Rosário: “Nem a maquiagem!”

Flora Egécia: “Nem a maquiagem! Não consegue maquiar, não consegue fotografar. Então são muitos percalços nesse sentido. E aí, entra a escolha da equipe, né? Você vai escolher uma equipe, ela tem que saber ler o seu roteiro, ela tem que saber maquiar uma pessoa negra, ela tem que saber fotografar uma pessoa negra, enfim... Ela tem que saber se dirigir para uma pessoa negra com respeito. E aí você fala, 'nossa mais isso é tão básico', Cara, infelizmente deveria ser mas não é. Então esses cuidados tem que ser muito tomados. Nas formações da nossas equipes, a gente sempre tenta montar um equipe bem diversa, no sentido de raça, gênero, identidade de gênero. No documentário 'Me farei ouvir', que é o que está em produção agora, que estou dirigindo coma Bianca Novais, a gente conseguiu montar uma equipe só de mulheres. Dá trabalho. Muitas vezes quando o diretor chega para o produtor executivo e fala: 'ah eu quero uma equipe só de pessoas negras', 'eu quero uma equipe só de mulheres', um exemplo né... Muitas vezes o produtor fala 'aí, é difícil assim', 'todo mundo que eu conheço não está nesse perfil', 'deixa eu convidar o meu brother', 'o fulaninho', 'o sicraninho' e não sei o que lá... Para fazer esse filme. Porque sim, vai dar trabalho. Nós somos minoria ainda, em números, né? Na área do audiovisual... Então sim, vai dar trabalho, mas por exemplo, em 'Me Farei Ouvir' a produtora executiva estava determinada. Deu muito trabalho encontrar uma motorista mulher, por exemplo, para nossa van, só que ela encontrou a Jéssica, maravilhosa. Então vai dar trabalho sim, fazer cinema negro, fazer um cinema mais justo, fazer um cinema igualitário, fazer um cinema de mulheres, de pessoas negras. Vai dar trabalho, e é isso, nunca foi fácil, deu trabalho desde o primeiro dia. Então, é um lugar que a sua equipe tem que ter isso na cabeça, também assim, tem que estar afirmado nisso. Porque se não 'ah vai dar trabalho, vamos fazer como todo mundo sempre fez', a gente está aqui para fazer exatamente o contrário.”

Ceição Ferreira: “Flora, é muito legal essa fala sua da questão de iluminar corpos negros, que eu lembrei de uma fala da Ruth de Souza... Atriz Ruth de Souza, que recentemente nos deixou, aos 92 anos e que é referência para dramaturgia e para a história do cinema. No final dos anos 50, se não me engano, ou final dos anos quarenta, eu não lembro direito a data... Mas ela ganhou uma bolsa para estudar nos Estados Unidos, uma bolsa da fundação Beto Rockefeller... E uma coisa que ela falava era desse... Quando voltou para o Brasil... De que ela tentava ensinar os profissionais assim, como iluminar esse corpo negro, desse desafio de construir isso de construir essa iluminação para os corpos negros. Então achei interessante. É uma questão que ainda hoje a gente vivencia. Eu vou partir para uma outra pergunta, já aproveitando o gancho assim. Tem uma pergunta, a Poliana Marques perguntou 'como nos preparar, em todos os sentidos, tecnicamente, metodologicamente e emocionalmente, para conseguir estar nesse espaço'... E eu vou aproveitar já para fazer uma pergunta, essa faço para vocês dois e aproveitando a Flora... A Thaynara Rezende, pergunta... Ela quer

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

saber mais sobre o seu processo na busca de referência e construção na direção do filme. 'Como é que foi a composição e em especial, a composição da equipe em relação a mulheres negras'. Se você quiser dar continuidade, Flora.”

Flora Egécia: “Certo. Bom, pergunta difícil, né? Sobre a preparação técnica, né? Nesse lugar técnico, eu acho que eu vou muito para um lugar que o Eduardo falou assim... Sobre a minha experiência pessoal, né? De que, para começar, o nosso start foi a partir da auto realização, auto produção, auto roteirização, auto tudo, né? Vem do cinema norte americano, mesmo lá, quando os filmes que tem protagonistas negros, os filmes e as séries que tem protagonistas negros. Maioria dos casos, o protagonista também é produtor executivo, também roteirista, as vezes até dirige. Mesmo os grandes atores, sei lá, se você pegar o Will Smith, vamos dizer assim... Mesmo um grande ator, ele produz a maioria dos filmes em que ele é protagonista. Então, voltando para o Brasil, né? Que outro mercado, a gente também se encontra nesse lugar. Assim, eu vejo essa semelhança entre esses dois mercados audiovisuais, por mais que sejam diferentes. Que a gente tem que acabar tomando as rédeas e começando por produções autorais. Eu achei maravilhosos o exemplo que o Eduardo deu do Under the Sun. Eu acho que na minha prática, foi isso, vamos fazer do jeito que a gente consegue. Óbvio que eu não estou romantizando o perrengue aqui! A gente tem que ter dinheiro, a gente tem boleto para pagar, né? Mas a preparação técnica do começo, foi buscando, formando as minhas equipes, formando meus projetos e participando de projetos de amigos próximos. Para ganhar, no sentido de capacitação técnica mesmo, de prática de set. Eu fui entrando em projetos pequenos de pessoas próximas. Como minha formação foi em desenho industrial, escolhi estudar cinema em paralelo, né? Fiz muitos cursos, oficinas, masterclasses... Eu fiquei correndo atrás disso, estava sempre ligada, fui fazendo essa formação paralela em pequenos cursos, geralmente. Sobre a outra pergunta que era sobre a presença de mulheres negras, olha, eu acho que atualmente assim, ainda bem por sorte... Não por sorte, por esforço, óbvio... Mas eu vivo em uma geração que nós temos muitas referências de mulheres negras, né? Eu acho que quando eu comecei a lançar filmes, enquanto diretora, acho que eu fiz parte de um movimento, né? De um recorte histórico de um movimento de mulheres negras assim.”

Ceição Ferreira: “Nossa, muito bom te ouvir e queria só fazer uma observação aqui, que é bacana. Para quem não sabe, Zózimo Bulbul é um pioneiro, né? No cinema negro no Brasil, tem uma importância fundamental, que é nossa referência. Mas eu gostaria de acrescentar também a Adélia Sampaio, que é a primeira diretora negra brasileira, nos anos 80. Já tem um longa-metragem que vai discutir questões para aquela época, já era muito a frente do seu tempo. A diretora do primeiro filme lésbico brasileiro, então é muito importante assim, a gente pensar essas nossas referências e aí Zózimo Bulbul, muitas vezes é mais conhecido, mas eu sempre gosto também ressaltar a Adélia Sampaio. Adélia Sampaio continua produzindo, tem um trabalho muito importante no sentido da gente rever a história do cinema brasileiro”

Flora Egécia: “Eu acho muito legal Ceixa, te interrompendo rapidamente... Você falar sobre a Adélia, porque, eu também percebi que, nesse movimento, de diretoras negras e festivais voltados para o cinema negro... É a Adélia, eu acho o nome dela foi muito resgatado, né? As produções dela foram resgatadas. Hoje em dia a gente tem um encontro de produtoras de mulheres negras, que eu acho que vai para terceira edição agora, em que ela é uma homenageada. É um prêmio, um encontro que existe por causa dela. Então, é isso. Também acho que ela está muito mais visível a partir do momento em que outras mulheres negras ficaram

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

mais visíveis assim, sabe? A gente se lembrou dela, resgata ela, trás ela... Achei maravilhoso, você falar isso.”

Ceição Ferreira: “Aproveitando o gancho, também queria destacar que esse trabalho de reconhecimento da importância da Adélia Sampaio, a gente deve a professora Edileusa Penha de Souza, que trouxe, né? Na pesquisa de doutorado dela esta referência. Então eu acho que é muito importante também a gente reconhecer o trabalho das mulheres negras na produção cinematográfica, na pesquisa sobre cinema. Então eu acho que é sempre bom a gente articular esses espaços. Porque a gente também tem que pensar formas de ler, né? Autores e autoras negras, de pensar essas questões no cinema, na produção científica... E aproveitando o gancho aqui, a Ana Paula Castro trouxe uma pergunta, eu vou ler a pergunta e depois a gente trabalha isso melhor: 'Como posso me identificar em escrever histórias de pessoas negras, sendo que dentro da comunidade negra existe uma conversa em que as pessoas negras de pele clara não representam a comunidade?'. Eu acho que a Ana Paula... Aqui a professora Ceição vai pedir licença, porque eu acho que é muito relevante e vale para mim, para minha experiência também pessoal, no texto da Sueli Carneiro, que chama Negros de Pele Clara, já fica a dica para você ler. E aí eu queria conversar com o Eduardo e Flora sobre essas questões, da gente também entender que ser negro, é também diversidade, né? Não dá para gente pensar ser negro como uma identidade homogênea, né? Tanto que diz respeito do fenótipo, como da diversidade em geral... Eu queria que vocês comentassem, Eduardo e Flora.”

Eduardo Rosário: “Lógico, as pessoas fazem cinema por motivos diferentes. Eu conheço pessoas que fazem cinema, produzem, porque aquilo é um hobby para ele. Ele tem sua vida profissional com outra área e ele faz um cinema ali mais como um hobby. Tem pessoas que fazem cinema mais autoral, né? Em tem pessoas que fazem o cinema também como um meio de vida... Como um negócio também. Então o cinema ele é muito plural, até mesmo nas motivações para as quais se faz cinema. Isso é fato. Mas uma coisa é, pra essa galera que está aí, 'mas será que eu posso fazer cinema?', 'será que consigo fazer cinema?', 'fazer negócio com cinema?', 'será que posso fazer isso um meio para minha vida', 'como é?', 'como que eu me preparo' né? E aí é onde eu falo, estudem cinema, pesquisem cinema mesmo. Pelo amor de Deus, não se prege só ao cinema norte-americano, só o cinema agora que a gente vê aí na tela, dos blockbusters, não! Vá para outras áreas, expressionismo alemão, lá na nouvelle vague, vá no cinema novo, assista curta metragens. Tem muitos portais só de curtas-metragens no Brasil. Tem uma porção de coisas. Assistam, voltem no tempo... Os pioneirismos do cinema, lá do começo, tanto no Brasil quanto fora. Eu acho que quem realmente quer se preparar, precisa mergulhar para valer nisso. Nós temos que estar prontos, a questão é essa, sabe? Então nós não podemos assim, falar 'eu quero, eu quero', 'como é que eu faço?' Faz o que você pode agora, você pode estudar agora? Estude. Pesquise. Assista. É engraçado, porque tem gente que fala que quer muito fazer cinema, mas você pergunta e aí? Você assiste quantos filmes por semana, por dia, como é? 'Não, de vez em quando eu vejo Netflix'... Então, não dá! Se você de fato quer fazer cinema, você tem que assistir cinema e não se prender ao cinema só de 90 para cá, de 2000, 2010, 2020... Americano! Tem que dar uma viajada, tem que alargar as fronteiras. Daí em diante você vai se preparando melhor, primeiro esteticamente e aí tecnicamente, estudando e pesquisando, para valer mesmo, aprofundar na coisa! Experimente, grave, escreva, atue... Faça de fato. É por aí.

Ceição Ferreira (mediadora): “Nossa, muito obrigada, Eduardo! Por essas dicas e eu acho que é muito

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

importante os alunos também terem a oportunidade de ouvir isso, que a gente vive falando nas disciplinas. 'Estudem', 'leiam mais', 'assistam mais filmes', 'busquem mais referências'. É bom quando alguém de fora fala isso também. Flora, se quiser comentar.”

Flora Egécia: “Bom, essa questão do preto de pele clara é um questão muito interessante, achei ótimo ela trazer. Eu acho que para pensar nisso no presente, a gente tem que dar uma voltada nos séculos, né? No Brasil... Que é a história do Brasil, que é uma história em que a população negra foi embranquecida, propositalmente né? Uma parcela dela, com uma função de nos desarticular...E funcionou, foi um plano pensado, executado e realizado com sucesso, né? Então, a partir disso, pessoas pretas de pele clara se vem nessa situação. Mas essa pessoa preta de pele clara, ela não é branca também, então ela é o quê? Qual o lugar dela no mundo? Tais pessoas não pensam que ela é preta o suficiente... Eu discordo disso e eu, obviamente. Ser um preto de pele clara, ser um preto de pele retinta são experiências diferentes. Isso tem que ser considerado, óbvio, assim como um preto rico e um preto pobre. Enfim, não estou homogeneizando todo mundo, como a Ceixa falou, nós não somos um grupo único. Mas eu acredito que a pessoa que se vê nessa situação, tem que acreditar no que ela sente, na experiência dela e tem que se posicionar. É um posicionamento assim, se eu fosse dar um conselho, seria se posicionar porque isso, essa reação é um produto de um plano muito elaborado, muito bem executado. Então, resistir mesmo e se posicionar, porque é isso”

Eduardo Rosário: “Então, se falam de preto com pele embranquecida, eu vou analisar isso e dessa análise crítica que eu faço. Que nasça a minha inspiração para escrever. Que bom que alguém falou isso então, que eu vou analisar. Porque a arte precisa ser provocativa. O cinema que provoca é lindo, lindo. O cinema que provoca o meu olhar, que provoca o meu pensamento, que provoca o meu olhar, que provoca o meu pensamento... Que me faz remexer na cadeira, entende? Puxa eu vou sair daqui e estar te provocando! Então esse cinema provocativo nasce, quando alguém diz alguma coisa disso... 'Ah o preto com pele branca', vamos provocar então, vamos falar a respeito. Não tem problema... Eu não preciso, gente, de uma situação confortável, não preciso. Eu não preciso de uma situação confortável para que eu me sinta bem, tranquilo, para escrever um filme... Eu só preciso de um ponto de partida para falar alguma coisa. É isso. Então, se alguém fala dos pretos com pele clara, então vou falar alguma coisa sobre isso, se vai ser positivo ou negativo em relação ao que ele pensa, aí isso é um outro patamar, a questão é: Isso me dá munição para que eu escreva. Para que eu ponha em jogo um ponto de vista que nasce aqui em mim, ou seja, é um liquidificador que mexe uma porção de informações, de experiências, de narrativas... Eu junto tudo isso, aí eu tenho a minha identidade. Que é o quê? Ver alguma coisa que eu gostei e me deixou confortável, escutar alguma coisa que é absurda e eu lidar com aquilo... Ou seja, um monte de coisas que eu vou juntar, aí sim, eu vou falar alguma coisa a partir de todo esse contexto. Então não esperem algo confortável, não esperem um tapinha nas cotas, entendeu? Usem tudo. Tudo.”

Flora Egécia: “Perfeito.”

Ceixa Ferreira: “Nossa, é muito legal ouvir a Flora e também o Eduardo nesse sentido, que a gente deve também repensar de forma geral. Qual que é o nosso papel no exercício de construir uma sociedade mais justa? Uma sociedade que não seja racista. Então esse compromisso, né? De nas práticas cotidianas, exercer

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

né, uma postura antirracista, né? Então acho que é muito importante isso. Enquanto estudantes de cinema e audiovisual, acho que é muito legal... Ana Paula, agradeço essa colocação... A gente também fazer esse questionamento, né? Porque há um incômodo atualmente, principalmente com o lugar de fala, mas que eu percebo que muitas vezes é distorcido. As pessoas não compreendem. Todas as pessoas, todos nós temos lugar de fala. Acho que a questão mais importante aqui também, é pensar o protagonismo que, enquanto realizadores negros, vocês estão reivindicando, estão criando... Criando narrativas para além da falta de reconhecimento, que as pessoas não enxergam você como diretora, Flora... Você Eduardo como diretor. Então acho que a gente também entender que fazer cinema é pensar relações de poder, é pensar em rever a nossa história. Então assim, eu acho que essas questões são muito importantes.[...]

Ceiça Ferreira: “Nossa, muito bom essa dica, né? Que você está dando para os alunos ficarem atentos. Gente, o papo está muito legal, só que a gente já está chegando ao fim... Eu vou pedir para a Flora falar rapidinho, desse projeto que ainda está em desenvolvimento, que é o 'Me farei ouvir', documentário sobre... Pela conscientização e promoção de mais mulheres na política, e aí a gente já vai se direcionando para o final. Flora, para você comentar isso e depois o Eduardo faz a fala final para a gente poder se despedir.”

Flora Egécia: “Está ok. Bom, me farei ouvir é um projeto que está em desenvolvimento, né? Que estou dividindo a direção com a Bianca Novaes. Esse projeto, ele surgiu assim... A faísca dele surgiu em 2018, quando a gente trabalhou em uma campanha política para uma mulher negra, candidata aqui do DF. E foi uma campanha com uma equipe formada só por mulheres, majoritariamente negras e construído de forma horizontal... Enfim, eu comecei a enxergar a política de outra forma. Eu e a Bianca, estávamos dentro da campanha, a gente já começou a enxergar a política de outra forma. Nós colocamos em uma proposta de vivenciar aquela campanha, para que pudéssemos dividir aquilo com outras mulheres posteriormente. Dali um tempo, surgiu um convite para fazer esse filme, documentário. E a gente está construindo ele naquele sentido educacional. Naquele sentido que falei mais cedo sobre das Raízes às pontas. Não é que seja um documentário só educativo, mas é um documentário para fomentar e estimular mais candidaturas de mulheres, especialmente negras. A maioria das nossas protagonistas da área da política, são negras porque, sempre pensado por mulheres negras periféricas, que é esse lugar que é a base da sociedade, pensando no fazer político. Então é isso. É um filme que está em desenvolvimento ainda, a gente está muito motivadas, muito empolgadas. Faz parte de um projeto maior. Esse projeto lançou recentemente uma cartilha, que é o manual da mulher candidata, que é o manual que desmistifica, né? A questão burocrática e de como você vai se candidatar e também dá nuances de como você vai formatar uma campanha, então é um guia mesmo, para que as mulheres negras possam se candidatar. Se a gente ver as estatísticas, grande parte das mulheres não conseguem nem um número de candidatura, por causa de burocracia e etc. Então esse é um produto, a gente também já realizou cursos, também já realizamos uma pesquisa sobre o que é ser mulher na política no Brasil... E o documentário é [...] produto que está em desenvolvimento e em breve a gente lança mais novidades sobre ele. Eu já vou falar as minhas palavras finais aqui, para eu passar para o Eduardo, enfim. Eu queria agradecer muito a mesa, gostei muito, gostei muito mesmo! Quero agradecer as palavras do Eduardo, agradecer a mediação da Ceiça, agradecer a Thaís, né? Que permitiu isso aí no 'backstage'... E muito obrigada! Muito obrigada também para os alunos, por terem interagido e se interessado... (ininteligível) me coloca para conversar sobre isso depois daqui também!”

9 SAU
9 SAU

17 de setembro 10h

AUDIOVISUAL EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS DO CINEMA NEGRO

Eduardo Rosário: “Sim, eu também nessa mesma vibe, agradecer Ceíça, turma UEG, UEG TV (ininteligível) obrigado por essa parceria aqui, nesse momento... Eu leio muito Clarice Lispector, né/ Tem lá em Laços de Família, tem um trechinho que ela fala assim ó: 'E como a uma borboleta, ela guardou o momento entre os dedos, antes que ele nunca mais fosse seu'... Clarice Lispector então é isso aqui, né? Eu guardo esse momento aqui entre os dedos, antes que ele nunca mais seja meu! Eu estou vivendo isso tudo aqui. Muito obrigado por tudo isso! O que eu digo para finalizar eu digo assim: vamos descolonizar o nosso olhar, né? Eu acho que parte muito disso... Às vezes gera uma revolta dentro da gente, uma vontade de fazer algo... Mas primeiro, vamos descolonizar o nosso olhar, né? Vamos lançar os nosso olhares para outros lugares, para outros viés, para outras coisas, e a partir daí, nós ganhamos munição nós ganhamos munição, para fazer muito mais.”

Ceíça Ferreira: “Fiquei muito feliz de ter esse momento de conversa com vocês. De vocês partilharem suas experiências, né? [...] Muito obrigada. Só lembrando que a SAU continua amanhã, a gente vai ter mais uma mesa. Então muito obrigada e até mais.”